



A GUERRA DO RIO

Notícias de uma guerra particular

Rene Silva, jovem do morador do Morro do Adeus, twittou em tempo real a invasão da polícia ao Complexo do Alemão

Desde sábado, três jovens moradores do Morro do Adeus fizeram uma cobertura em tempo real pelo Twitter sobre o cerco e a invasão da polícia ao Complexo do Alemão. Liderada por Rene Silva, de 17 anos, a equipe do jornal Voz da Comunidade twittava informações a partir do perfil @vozdacomunidade, @Rene_Silva_RJ, @IgorComunidade e @JackComunidade. O Twitter do jornal local passou de 180 seguidores no sábado para mais de 20 mil ontem, e a expressão #vozdacomunidade chegou ao Trending Topics Brasil, lista de tópicos mais twitados no país).

— Dormi pouco de sábado para domingo. Nós três ficamos twittando de nossas casas, cada um de acordo com o que via de sua janela — contou Rene pelo telefone.

Além dele, Igor Santos, de 15 anos, e Jackson Alves, de 13, postam informações em tempo real pelo Twitter. Às 6h50m de ontem, o perfil @vozdacomunidade twittou “Intenso tiroteio neste momento no complexo do alemão gente!!!!”. Por volta das 7h30m, @IgorComunidade postou “os traficantes jogaram uma granada nos policiais!!! tenso”. Às 8h30m, novo tweet: “Um carro de bombeiro acabou de chegar próximo a rua Joaquim de Queiroz, na grotá!!!!”.

Os três rapazes também esclareciam dúvidas de outros twitteiros, como “Essas imagens q estão aparecendo da JOAQUIM DE QUEIROZ q parece uma certa destruição não é por causa de tiros e etc. são as obras do PAC!” e respondendo que não havia moradores feitos reféns por bandidos. O



RENE SILVA, criador do jornal Voz da Comunidade, no Morro do Adeus, usou o Twitter para cobrir a guerra

Twitter está sendo acompanhado inclusive por moradores de fora do país como @adrimetz, que postou: “To aqui da Noruega acompanhando através do #vozdacomunidade ,coração apertado estudei anos na Penha e conheço bem o Complexo”.

Estudante e morador do Morro do Adeus, no Complexo do Alemão, Rene é repórter, fotógrafo, redator, editor e colunista do Voz da comunidade, jornal que criou há cinco anos para denunciar os problemas da sua região. O sucesso do periódico fez com que ele conseguisse o patrocínio de uma operadora de celular, que lhe deu um iPhone, aparelho que também usa para twittar e fazer fotos e vídeos. ■

‘ESPERO AGORA NÃO OUVIR MAIS DISPAROS DE TIROS’

• “Comecei postando do meu Twitter pessoal, e meus seguidores falaram que era melhor twittar do perfil do jornal, que representava melhor a comunidade. Comecei a escrever em tempo real o que estava acontecendo ao meio-dia de sábado e fiquei até 2h da manhã de ontem. Fui deitar, mas, se ouvia um cada disparo, me levantava para twittar. Não imaginava que ia causar tanta repercussão, mas acho que foi porque estávamos twittando de dentro da comunidade, mostrando uma visão que ninguém ti-

nha. Às vezes, a gente até corrigia algumas informações dadas na tevê, como as áreas que os helicópteros estavam sobrevoando, porque conhecemos melhor a comunidade. Também tivemos a divulgação de nosso Twitter por várias pessoas famosas como a Fernanda Paes Leme, a Gloria Perez e até o Marcelo Tas. Não senti medo, pois já estou acostumado. Mas espero agora descansar, não ouvir mais disparos de tiros e que haja mudanças”.

RENE SILVA *é estudante.*

A batalha na comunidade vista de dentro

Morador que virou fotógrafo retrata a retomada das favelas pela polícia

• O conflito visto de dentro, pelos olhos do morador. Os três dias de batalha entre polícia e traficantes na retomada do Complexo do Alemão pelo Estado não foram registradas apenas por jornalistas do mundo todo, escalados para a cobertura do confronto. Em meio a jornalistas com equipamentos de ponta de linha e protegidos por colete a prova de balas, um outro fotógrafo, de chinelo de dedo, bermuda, camisa de malha e câmera semi-profissional, também registrou a ação da polícia nas vielas do complexo. Ex-bilheteiro de cinema e ex-funcionário de Lava-Jato, Bruno Filipe Soares Lira, de 22 anos, não assistiu parado o confronto que se desenhou às portas de sua casa na Grotá. De câmera em punho, imortalizou a retomada em imagens.

O trabalho de três dias, em que foram feitas cerca de 450 fotos, contudo, esbarrou na própria ação policial. No desfecho da invasão, Bruno foi abordado por um policial e e obrigado a apagar o material. Com um programa de computador, conseguiu recuperar 30 delas.

— Ainda estou tremendo. Quer dizer que jornalista pode registrar tudo mas morador não pode?

Aluno do curso de fotografia realizado na comunidade entre 2007 e 2008, financiado pelo Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), o rapaz — que assina com o nome artístico de Bruno Itan — acompanhou os



NA FOTO FEITA pelo morador, policiais caminham pelo Alemão

três dias de conflito com apreensão, mas decidiu não perder a oportunidade.

— Já vi tiroteios na comunidade, mas nada semelhante a isso. Não podia perder esse momento histórico.

Natural do Recife, Bruno chegou ao Rio com seis anos, junto com um casal de tios. Por aqui compartilhou das mesmas histórias de necessidade dos meninos das favelas. Antes de conhecer a fotografia, foi bilheteiro de cinema, servente de academia de ginástica e de laboratório de análises clínicas na Zona

Sul. Já inscrito no curso, deu um propósito à dura rotina de lavador de carros: juntar dinheiro para uma nova câmera. Hoje, diz ele, já consegue viver da vida de fotógrafo.

— Já faço as festas de aniversário e casamento, entre outros trabalhos.

Ele revela o momento mais marcante para ele de toda a invasão:

— Sou de Recife mas fui criado aqui na comunidade. Nunca tinha passado pela situação de cruzar com um policial pela viela e poder dar um bom dia. Ver a bandeira do Brasil e do Rio no alto da favela é histórico.

De câmera em punho, Bruno também registrou as obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) na comunidade, o contraste das estações do teleférico em meio ao mar de moradias, o impacto visual das obras nas favelas e até mesmo a formação de um piscinão natural na pedreira do complexo do Alemão, com águas verde jade. As milhares de casas do complexo, sobrevoadas à exautão nas operações, ganham ares de pintura, nas fotos noturnas feitas por Bruno na Grotá.

— Éramos dez alunos no curso. De início registramos o começo das obras, antes da retirada das casas que dariam lugar às estações. Fizemos também o início das construções. Depois que o curso acabou, eu resolvi continuar. Gostei da fotografia e comecei a me aprofundar — conta Bruno.

Rio, tempo de estio

Helio de la Peña

• “No início da semana passada, quando a Vila Cruzeiro veio às manchetes dos noticiários, lembrei do tempo em que morava na casa dos meus pais, na Vila da Penha. Na época, o ônibus que mais pegava partia dali, era o 721 - Vila Cruzeiro-Cascadura. Sem medo de nada, circulava sozinho aos 11 anos de idade.

Quando era moleque, avistávamos da nossa rua um morro e brincávamos: “Lá em cima daquele morro, passa boi, passa boiada, só não passa a tua mãe...” e completava o belo poema com uma baixaria impubescível. Quando vi os traficantes correndo da Vila Cruzeiro para o Complexo do Alemão, vi que a boiada que passa hoje em cima daqueles morros é bem mais assustadora.

O carioca se acostumou com a tese de que os traficantes dominavam as favelas. E, pior, a polícia mal aparelhada, despreparada, não teria condições de enfrentar a banditagem. Nos últimos dias, a realidade nos surpreendeu positivamente. Depois de entrar em pânico com as ações criminosas espalhando o terror, vimos a polícia agir com inteligência, contando com o apoio das Forças Armadas, acauando os marginais. Acompanhamos as imagens da caçada ao vivo pela TV e previmos o triste desfecho: um banho de sangue generalizado, com mortes de inocentes transmitidas para o mundo.

Se houvesse um plebiscito, seria aprovada uma chacinha no ato da fuga do bando armado. Rolou até uma piadinha no twitter: “meu controle tá com defeito, tô apertando “ok”, mas o helicóptero não atira...”. Queríamos uma polícia agindo como estávamos habituados, fora da lei, aplicando a pena de morte para alívio geral. O comando não ouviu o clamor das ruas e foi aplaudido. Pela primeira vez a população ficou do lado da polícia. E esta correspondeu ao apoio. Uma notícia significativa foi a apreensão de US\$ 30 mil do tráfico. Nunca tinha ouvido falar em dinheiro apreendido e noticiado. Em qualquer ação policial, ainda que bem sucedida, pelo menos um bandido conseguia fugir. Por acaso, era o que estava com a grana. Ali ficou claro que estamos vivendo um outro tempo.

Não acredito que a corrupção policial acabou e que agora estamos no paraíso. Mas somos testemunhas oculares de uma seriedade inédita, que nos dá esperança de que o estado pode realmente tomar as rédeas desta situação e caminhar para uma solução. Sabemos que é um problema antigo e que não será resolvido apenas com a polícia. Sem educação, saúde pública, rede de esgoto, entre outros, todo esse esforço vai para a vala. E Rio não merece que desperdicemos esta oportunidade.”

HELIO DE LA PEÑA *é humorista*

Festejar sim, depois

Alba Zaluar

• “Não há como não entender a celebração de vitória pelas forças policiais e militares ao restaurar o território cidadão no Complexo do Alemão. Colocar a bandeira nacional no alto do morro simbolizou a reconquista para a nação deste vasto espaço, antes dominado por um dos comandos do tráfico. Nos últimos anos este espaço havia sido transformado no seu principal empório de drogas e armas, além do maior refúgio para os aliados expulsos, pelas milícias ou pelas mais recentes UPPs, das favelas onde exerciam o poder militar.

Simbólico também porque o “alemão”, nome do inimigo para os jovens atraídos pelo fascínio do poder obtido com as armas e o dinheiro fácil no bolso, passou a ser a razão para que se armassem cada vez mais e se tornassem mais e mais cruéis com os rivais, transformados em inimigos mortais. Ou com qualquer pessoa que ousasse contrariá-los. O alemão nacionalizou-se.

Foi um longo processo iniciado com as pequenas escaramuças entre os donos de boca no final dos anos 1970, transformado em guerra entre favelas amigas versus as inimigas pelos donos de morro já aliados aos comandos de tráfico em meados dos anos 1980 e, já na década de 1990, em guerra também entre traficantes e policiais. Estava instaurada a beligerância urbana na cidade do Rio de Janeiro, na qual pereceram tantos jovens traficantes e tantos moradores inocentes.

A comemoração não foi apenas dos policiais e militares. Moradores de Vila Cruzeiro e de favelas do Alemão colaboraram com a Polícia via o Disque Denúncia, receberam bem as tropas, colocaram bandeiras brancas e afirmaram a sa-

tisfação em ter enfim a proteção do Estado contra os seus predadores. Mas a comemoração não foi entusiasmada. Ainda há muitas dúvidas sobre o que irá acontecer depois. As tropas vão embora, como já aconteceu outras vezes no passado? Os governos federal, estadual e municipal vão realmente melhorar os serviços precários antes existentes, dando mais sentido à palavra cidadão? Vão melhorar o ensino fundamental e o médio, providenciando aulas de reforço para os que precisam ultrapassar as barreiras estruturais que eternizam a pobreza, vão fornecer cursos profissionalizantes para atender os jovens que poderiam ser de novo atraídos pelas quadrilhas para obter o conceito e a consideração que tanto prezam?

Os moradores da cidade, muitos gradados na televisão onde assistem ao vivo e a cores cenas inesperadas de planejamento, firmeza e competência do braço armado do Estado, se alegram também. Mas seus questionamentos pululam rapidamente. Quando e como vão destruir as drogas e armas apreendidas em tamanha quantidade nos últimos dias para que não percorram o caminho inverso? Como e quando a Polícia vai interromper o fluxo de armas e munições para esta vulnerável cidade com várias estradas interestaduais, porto, aeroportos e mar por quase todos os lados, desmantelando as redes que as fornecem? Como irá aprofundar as mudanças já em curso para criar um plano de carreira, melhores salários, melhor formação e menos corrupção entre os seus componentes que irão realizar tamanha tarefa investigativa? A hora é de alegria e comemoração. Mas de calma e atenção também.”

ALBA ZALUAR *é antropóloga*